

ESTRESSE OCUPACIONAL E ESGOTAMENTO ENTRE PROFISSIONAIS DE SAÚDE: REVISÃO INTEGRATIVA

Elizangela Soares de Almeida*

Josiane Travençolo**

RESUMO: Estresse ocupacional pode ser definido como um quadro de descompasso entre as exigências do ambiente de trabalho e a capacidade de resposta do trabalhador. Examinando a produção científica recente, este trabalho tem como objetivo empreender uma análise acerca do estresse ocupacional que acomete profissionais de saúde, buscando compreender quais os principais fatores identificados como estressores e seu impacto na qualidade de vida dos profissionais envolvidos. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, abarcando estudos científicos publicados nos últimos cinco anos. Os textos analisados indicam que os fatores potencialmente causadores de estresse são diversos. Aspectos de ordem organizacional, jornadas de trabalho extenuantes, acúmulo de funções e desgaste nas relações intergrupais figuram entre os fatores amplamente abordados pelos autores.

Palavras-chave: estresse ocupacional; saúde do trabalhador; esgotamento profissional

ABSTRACT: Occupational stress can be defined as a mismatch between the demands of the work environment and the responsiveness of the worker. Examining recent scientific production, this paper aims to undertake an analysis of occupational stress that affects health professionals, seeking to understand what are the main factors identified as stressors and their impact on the quality of life of the professionals involved. This is an integrative literature review, covering scientific studies published in the last five years. The texts analyzed indicate that the factors potentially causing stress are diverse. Organizational aspects, strenuous work hours, accumulation of functions and exhaustion in intergroup relations are among the factors widely addressed by the authors.

Keywords: occupational stress; worker health; professional exhaustion

* Enfermeira. Discente do curso de Pós-Graduação em Enfermagem do Trabalho

** Enfermeira. Mestre Docente do Grupo Educacional Cruzeiro do Sul.

INTRODUÇÃO

Entende-se por estresse o estado antecipado de risco ao bom funcionamento do organismo, que pode manifestar-se através de respostas fisiológicas e emocionais, no entanto diversos problemas físicos ou comportamentais podem ocorrer em resposta a um estado de estresse prolongado. De acordo com Feix (1998, *apud* CARDOSO e BAKKE, 2018), o estresse tem sido observado como desequilíbrio entre as demandas exigidas pelo ambiente e a capacidade do indivíduo em atender à tais demandas, sejam elas profissionais ou não (estresse ocupacional ou comum).

Estudos realizados na década de sessenta identificaram que os profissionais de saúde integravam o grupo de profissões potencialmente estressantes e, desde então, a preocupação com a saúde desses trabalhadores tem sido foco de diversas pesquisas. No desempenho de suas funções, o profissional de saúde se encontra na relação direta entre homem e trabalho, sendo o homem o agente principal, verifica-se que a convivência diuturna com sentimentos adversos como sofrimento, incompreensão, desespero e luto criam condições propícias para o surgimento de estados de estresse (BATISTA; BIANCHI, 2006, *apud* CARDOSO e BAKKE, 2018).

Tendo em vista a complexidade das operações inerentes à atividade dos profissionais de saúde, é notório que, para o desempenho satisfatório de suas funções, os trabalhadores precisam estar profissionalmente engajados e emocionalmente estáveis, contudo, é sabido que altas demandas de trabalho aliadas à imersão cotidiana em situações excruciantes favorecem o surgimento do estresse.

Pretende-se com este estudo, portanto, ampliar a discussão referente às questões laborais que envolvem os profissionais da saúde no exercício de suas atribuições, buscando refletir especificamente sobre a seguinte questão: Quais os principais fatores causadores de estresse ocupacional entre profissionais da saúde?

2.METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma revisão integrativa de literatura, tal método de pesquisa caracteriza-se pelo processo de busca, análise e discussão de estudos em determinada área do conhecimento, com intento de fornecer resposta a um

questionamento específico. As revisões integrativas permitem a síntese de diversos estudos já publicados, viabilizando conclusões gerais a respeito do tema pretendido (GIL, 2010 *apud* OLIVEIRA *et al.* 2019).

Tendo em vista o objeto deste trabalho que é identificar na literatura quais os principais elementos causadores do estresse ocupacional entre os profissionais de saúde, a revisão integrativa de literatura se mostra apropriada para tal propósito enquanto método de pesquisa, possibilitando maior entendimento acerca do tema por meio da articulação das ideias e proposições dos autores selecionados.

O estudo contemplou publicações científicas disponibilizadas eletronicamente nas seguintes bases de dados: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de dados em Enfermagem (BDENF) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), tendo como critérios de seleção a inclusão de artigos em língua portuguesa, disponibilizados em texto integral nos últimos cinco anos. Foram desconsiderados os artigos publicados em língua estrangeira, fora do período delimitado, não disponíveis em texto completo e aqueles cujos conteúdos não contribuíam para a elucidação da questão norteadora estabelecida.

Mediante análise dos textos encontrados, foram elencados para compor esta revisão os estudos indicados no quadro a seguir, totalizando dezesseis publicações.

Título do artigo	Autores	Ano
Estresse ocupacional e resiliência entre profissionais de saúde	SOUZA, V. F.; ARAÚJO, T. C.	2015
Preditores da síndrome de burnout em enfermeiros de unidade de terapia intensiva	VASCONCELOS, E. M. de; MARTINO, M. F.	2017
O sentido de comunidade em uma equipe multiprofissional hospitalar: Hierarquia, individualismo, conflito	WANDERBROOCKE, A. C. e colaboradores	2018
Estresse em profissionais de enfermagem atuantes em unidade de pronto atendimento	TRETTENE, A. S. e colaboradores	2016
Correlação entre a carga horária semanal de trabalho com a síndrome de burnout entre os médicos anesthesiologistas de Maceió-AL	BARBOSA, F. T. e colaboradores	2017
Estresse Ocupacional dos profissionais de saúde dos centros dos centros de atenção psicossocial	CARDOSO, A. W.; BAKKE, H. A	2018

O esgotamento físico dos enfermeiros no setor de urgência e emergência: revisão integrativa	OLIVEIRA, A.P. e colaboradores	2019
Esgotamento profissional e depressão em profissionais da estratégia saúde da família no município de São Paulo	SILVA, A. T.	2015
Aumento das cargas de trabalho em técnicos de enfermagem na atenção primária à saúde no Brasil	SCHERER, M. D. e colaboradores	2016
Estresse ocupacional entre trabalhadores de saúde de um hospital universitário	RIBEIRO, R. P. e colaboradores	2018
Depressão e risco de suicídio entre profissionais de Enfermagem: revisão integrativa	SILVA, D. S. e colaboradores	2015
Saúde do trabalhador no ambiente hospitalar: fatores de risco para síndrome de burnout	SANTOS, E. N. e colaboradores	2018
Conflito ético como desencadeador de sofrimento moral: survey com enfermeiros brasileiros	RAMOS, F.R. e colaboradores	2017
O contexto do estresse ocupacional dos trabalhadores da saúde: Estudo bibliométrico	FERRREIRA, C. A. e colaboradores	2016
Transtornos à saúde mental relacionados à intensa rotina de trabalho do enfermeiro: Uma revisão bibliográfica	SILVA, N. C. e colaboradores	2016
Percepções sobre o trabalho da equipe de enfermagem em serviço hospital de emergência de adultos	AMARAL, M. S. e colaboradores	2017

DISCUSSÃO

Compreender a gênese dos processos causadores de estresse entre profissionais de saúde é fundamental para orientar as medidas a serem adotadas visando a redução dos danos à saúde desses profissionais, bem como ações preventivas acertadas.

A seguir, iniciam-se as discussões acerca dos principais elementos identificados como estressores na literatura que integra esta revisão, abordando também, ao final, a síndrome de burnout, transtorno consequente do estresse ocupacional que tem despertado a atenção de diversos pesquisadores em virtude de sua alta prevalência entre profissionais na área da saúde.

Jornadas de trabalho exaustivas

De acordo com Souza e Araújo (2015), as substantivas mudanças no cotidiano dos trabalhadores são reflexo das intensas mudanças vivenciadas pelas sociedades contemporâneas, tais mudanças submetem os trabalhadores cada vez mais à demandas, exigências e rotinas rígidas no ambiente laboral. Nesse cenário surgem as dificuldades em conciliar atividade profissional e vida pessoal, gerando desgastes físicos e psicossociais.

Outros autores também destacam a rigidez das jornadas de trabalho como fator gerador de estresse. Ferreira *et al.* (2016), apontam que a sobrecarga de trabalho está entre as principais causas de estresse relatadas por profissionais de saúde. Para Ribeiro *et al.* (2018), o estresse ocupacional está intrinsecamente relacionado à rotina do ambiente hospitalar, marcada pelas altas cargas laborais e constante tensão.

As longas jornadas de trabalho interferem também no convívio familiar, visto que, na tentativa de conciliar várias jornadas, esses trabalhadores acabam, por vezes, abdicando-se de atividades elementares junto à família, importantes para a manutenção do bem-estar emocional e da qualidade de vida.

O sistema organizacional das unidades onde atuam os profissionais de saúde requer atenção, haja vista que médicos, enfermeiros e profissionais de formação técnica sofrem os efeitos nocivos das constantes modificações na carga horária de trabalho. Também é comum, seja na rede pública de saúde ou no setor privado, a realocação dos trabalhadores em postos de atendimento distintos de acordo com a demanda temporária ou para o atendimento de ordem discricionária.

Ao serem submetidos a diferentes cargas e locais de trabalho, os trabalhadores ficam expostos à tensão decorrente das modificações contínuas e muitas vezes abruptas na rotina laboral, pois o cumprimento de jornadas de trabalho em diferentes cenários, com pouco ou nenhum intervalo para descanso constitui elemento facilitador para o esgotamento profissional. Além do aumento da carga psíquica, as longas jornadas de trabalho também prejudicam as relações familiares e favorecem a ocorrência de acidentes de trabalho (SILVA *et al.*, 2016).

Complementando considerações relacionadas às jornadas de trabalho, pesquisas trazem à tona problemáticas referentes aos plantões noturnos. Foi constatado

que o trabalho noturno, quando realizado de forma contínua, expõe o profissional aos efeitos prejudiciais da privação do sono, predispondo-o às alterações de humor e problemas de vigiância, ademais, potencializa-se também, nesse contexto, o comprometimento da qualidade de assistência (BEZERRA; SILVA; RAMOS, 2012, *apud* TRETTENE *et al.*, 2016).

Sobrecarga de atividades

Outro fator negativo que marca o cotidiano de trabalho dos profissionais de saúde, sobretudo aqueles que atuam nas unidades de urgência e emergência, diz respeito à sobrecarga de atividades. Esse fator está relacionado ao déficit pessoal, à insatisfação remuneratória e à escassez de aparelhos e insumos, problemas recorrentes em diversas unidades de saúde, especialmente nas instituições públicas, entretanto, queixas relacionadas também têm sido registradas em unidades de atendimento privadas.

A escassez em recursos humanos provoca acúmulo de funções, forçando os trabalhadores a executar tarefas em ritmo acelerado na tentativa de prover atendimento a todos os pacientes. Responder por múltiplas tarefas gera sobrecarga de trabalho e pode acarretar nos profissionais um estado de estresse e sentimento de desmotivação, uma vez que, em decorrência do excesso de incumbências, o trabalhador eventualmente pode não conseguir cumprir todas as tarefas a ele delegadas, ou sentir que seu trabalho poderia ser executado com maior acuidade (BEZERRA; SILVA; RAMOS, 2012, *apud* TRETTENE *et al.*, 2016).

A sobrecarga de atribuições, em muitos casos, surge como efeito adverso da baixa remuneração. Muitos profissionais de saúde se veem compelidos a conciliar seu trabalho na rede de atenção à saúde com outra atividade remunerada, para, dessa forma, complementar a renda familiar.

O descontentamento com a remuneração mensal é o aspecto que mais aumenta as cargas de trabalho [...]. Os profissionais também estão insatisfeitos com os auxílios creche e alimentação, e abordam a diferença salarial em relação a outras categorias funcionais, que são mais bem pagas do que os profissionais de saúde. A falta de plano de carreira para os profissionais e a necessidade de outro vínculo empregatício para aumentar a renda é um dos aspectos que eleva a sobrecarga de trabalho (SCHERER *et al.*, 2016, p. 93).

A carência de recursos materiais, elementares para o trabalho de assistência, agrava o problema da sobrecarga de trabalho, representando uma queixa recorrente

entre os trabalhadores, visto que o atendimento adequado requer a utilização de determinados instrumentos e insumos indispensáveis para que o quadro de saúde do paciente evolua positivamente. É necessário que as unidades de atendimento estejam sempre abastecidas em recursos materiais, de modo a garantir que os procedimentos realizados atendam às normas de diligência e assepsia, contudo, muitos profissionais têm relatado preocupação em relação ao fato de não poderem prestar atendimento adequado ao paciente que busca atendimento de emergência ou a realização de exames preventivos, pois a falta de materiais básicos ou mau funcionamento de aparelhos faz com que pacientes sejam realocados para outras unidades de atendimento, gerando sobrecarga de trabalho, retardando diagnósticos e tratamentos de urgência. Tal realidade se perpetua em muitas unidades de saúde, gerando sentimento de desmotivação entre os profissionais (SCHERER *et al.*, 2016).

Apesar da alta demanda para o aumento do contingente profissional, os quadros seguem desfalcados em grande parte das unidades de atenção à saúde espalhadas por todo o país. A carência em recursos humanos somada à falta de equipamentos e insumos impõe sobre o trabalhador uma responsabilização excessiva, obrigando-o a responder por um volume maior de tarefas no processo de assistência, culminando no desgaste físico psíquico desses profissionais.

Conflitos intergrupais

Conforme já mencionado anteriormente, a rotina de trabalho dos profissionais de saúde é marcada por uma série de fatores que favorecem o surgimento de insalubridade e sofrimento, tais aspectos tornam o ambiente hospitalar e demais unidades de atendimento em locais onde se verificam elevados níveis de estresse ocupacional.

Cumpramos lembrar ainda que as equipes de trabalho são compostas por agentes singulares, e que cada indivíduo traz consigo suas vivências e percepções pessoais, deve-se considerar, portanto, que as dinâmicas interacionais de outros contextos e ambientes influem sobre as relações profissionais, condicionando a forma com que cada indivíduo integra e contribui em determinada equipe. A composição de uma equipe, naturalmente, não se dá de forma uníssona, havendo divergência de pensamentos e espaço para o contraditório, elementos que não devem ser desprezados.

Considerando os aspectos supramencionados, convém refletir sobre os conflitos intergrupais que ocorrem entre os membros de equipes formadas por profissionais de saúde, apontados por trabalhadores e pesquisadores como fontes de estresse ocupacional.

Define-se por conflito a manifestação de incompatibilidade, desavença ou dissonância entre pessoas, grupos ou organizações. Estudos recentes empregam os termos “conflito de tarefa” e “conflito de relacionamento” para caracterizar dois diferentes tipos de conflito intergrupais. O conflito de tarefa advém do desacordo entre partícipes de um determinado grupo a respeito das decisões tomadas, podendo abranger diferenças entre pontos de vistas e opiniões. O conflito de relacionamento, por sua vez, surge a partir da percepção de incompatibilidade coletiva, podendo envolver sentimentos de tensão, raiva e irritação entre os membros de uma equipe (WANDERBROOKE *et al.*, 2018).

As dinâmicas relacionais das equipes atuantes no âmbito da saúde são pautadas pela hierarquização dos saberes e fazeres, fundamento que sustenta as relações de poder típicas da cultura biomédica, ainda hegemônica em parte considerável das unidades hospitalares. A concentração de poder, a rigidez hierárquica e a competição entre profissionais interferem negativamente nas relações intergrupais, criando obstáculos ou até mesmo impedindo a construção de um sentimento de unidade entre os integrantes de um determinado grupo (WANDERBROOKE *et al.*, 2018).

Na mesma linha, Ramos *et al.* (2017) abordam a questão do assédio moral, elemento presente nas relações intergrupais e reportado por muitos profissionais de saúde como fonte de conflitos e estresse. O assédio moral, de acordo com os autores, ocorre quando trabalhadores são expostos a situações constrangedoras ou humilhantes no exercício de suas funções reiteradas vezes durante a jornada de trabalho, se conflagrando em casos de perseguição, de atitudes discriminatórias e de desrespeito entre chefias e equipes.

Ainda de acordo com Wanderbroocke *et al.* (2018), os atritos oriundos dos litígios relacionais hierárquicos no ambiente de trabalho suscitam atenção e sensibilidade dos agentes envolvidos, pois podem produzir efeitos negativos:

As consequências do exercício das bases de poder nem sempre são positivas. Em algumas situações, o influenciado não reconhece o poder exercido pelo agente influenciador ou se opõe a ele, passando a agir em contraposição ao

que o agente esperava. Em decorrência, podem surgir tensões e conflitos. (WANDERBROOCKE *et al.*, 2018).

Na visão de Amaral *et al.* (2017), a ocorrência de conflitos no cotidiano das equipes pode desencadear significados tanto negativos como positivos, dependendo de como ocorrem e como são conduzidos. As autoras argumentam que as situações conflituosas podem ser evitadas quando há compreensão e respeito para com as limitações de natureza técnica ou emocional dos integrantes da equipe, sendo necessário conhecer os fatores que dão origem aos desentendimentos, conduzindo um gerenciamento inteligente dessas situações através da promoção de ações que estimulem a criatividade e combatam o comodismo.

Entendendo os conflitos como parte inerente da diversidade de percepções, experiências e funções, torna-se conveniente a aplicação de medidas que abrandem as divergências e aproximem os indivíduos, promovendo o reconhecimento mútuo da relevância das atividades de cada profissional. É necessária a conscientização de que o paciente/usuário é o centro do processo de cuidar, construindo coletivamente o entendimento de que o modelo assistencial eficaz está fundamentado nessa premissa (WANDERBROOCKE *et.al*, 2018).

Embora as pesquisas apontem que as tensões relacionais em equipe sejam frequentes e, em certa medida, toleráveis, profissionais de saúde e gestores atuantes na área devem se empenhar no sentido de minimizar desavenças no ambiente de trabalho. A tolerância e o respeito mútuo devem imperar nas relações intergrupais, favorecendo a construção de equipes que valorizem a reciprocidade, a cordialidade e o convívio harmônico.

A síndrome de burnout como consequência do estresse ocupacional

Considerando as informações anteriormente expostas, cabe promover uma breve discussão a respeito da síndrome de burnout, distúrbio psíquico que decorre do estresse ocupacional prolongado e em níveis elevados. Estudos comprovam que os profissionais da área de saúde correm maior risco de desenvolver o transtorno, fato que tem despertado a atenção para o problema e motivado a realização de pesquisas que buscam compreender suas causas e efeitos, bem como delinear estratégias de intervenção.

O termo burnout, do inglês, “queimar/incendiar por completo”, foi cunhado pelo psiquiatra Herbert Freudenberger em 1974, com a intenção de descrever um espectro de sintomas psicológicos e comportamentais correlatos à atividade laboral de jovens atuantes no trabalho voluntário em uma clínica de reabilitação de dependentes químicos, em Nova York (Estados Unidos). O médico psiquiatra observou que os jovens passaram a manifestar uma diminuição gradativa na motivação, na energia vital e no comprometimento, traços acompanhados de sintomas físicos como a exaustão e psíquicos como o sentimento de fracasso (SILVA, 2015).

Maslach e Jackson (1981) e Leitter (1983) ampliaram o conceito anteriormente postulado por Freudenberger, caracterizando o esgotamento profissional como uma forma de estresse laboral resultante de reiteradas tentativas malsucedidas do indivíduo em administrar as condições estressoras presentes no ambiente de trabalho (MASLACH e JACKSON, 1981; LEITTER, 1983 *apud* SILVA, 2015).

Santos *et al.* (2018), analisam a síndrome de burnout como um transtorno fortemente marcado pelo sentimento de insucesso, exaustão, desgaste de energia, forças e recursos, resultantes da tensão ocasionada pelos modos de vida na sociedade contemporânea, influenciando negativamente na relação subjetiva com o trabalho. A manifestação desse transtorno, na avaliação os autores, é decorrente de um processo paulatino de abatimento do humor e desmotivação, acompanhado também de sintomas psíquicos e fisiológicos.

Os sintomas do burnout podem ser de cunho psicossomático, psicológico e comportamental e geralmente produzem consequências negativas nos níveis individual, profissional e social. A exaustão emocional se caracteriza por uma falta ou carência de energia, entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos (SANTOS *et al.*, 2018).

De acordo com Barbosa *et al.* (2017), a alta prevalência da síndrome de burnout no âmbito da saúde se explica pelo fato de tais profissões envolverem relacionamento humano, produtividade, reconhecimento profissional e desgaste emocional, sendo este último fator capaz de produzir sensação de insucesso profissional.

Os autores resgatam a definição proposta por Maslach e Jackson (1981), que caracteriza o burnout como um fenômeno constituído por três elementos basilares: exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal. A exaustão emocional indica esgotamento, fazendo com que os profissionais sintam não ter mais energia vital para realizar assistência; a despersonalização pode reduzir a sensibilidade,

podendo conduzir a uma assistência apática; já a redução da realização profissional aponta para a insatisfação do trabalhador com seu desempenho no ambiente de trabalho, levando-o a crer que suas atividades já não são mais exercidas de forma satisfatória em decorrência de uma falta de energia e sentimento de impotência (MASLACH e JACKSON, 1981 *apud* BARBOSA *et al.*, 2017).

Em relação ao perfil dos profissionais acometidos pela síndrome de burnout, pesquisas recentes apontam que os mais jovens têm maior propensão ao desenvolvimento do transtorno, acredita-se que esses trabalhadores não disponham de estratégias bem definidas de enfrentamento às situações estressoras que podem surgir no curso dos plantões. As mulheres figuram entre os profissionais em que a prevalência da síndrome se acentua, a dupla jornada de trabalho (ambiente laboral e familiar) pode contribuir para elevação desse índice (Oliveira *et al.*, 2019).

Segundo Vasconcelos e Martino (2017), a maior incidência de mulheres acometidas pela síndrome de burnout está relacionada ao fato de que elas são maioria nas profissões concernentes à área da saúde, sendo o desempenho de suas atividades marcado pelo cuidado direto ao paciente, a exemplo do exercício profissional da enfermagem, majoritariamente composto por profissionais do sexo feminino. A maior suscetibilidade das mulheres em relação ao burnout, na visão dos autores, não deve ser analisada sem levar em conta a influência das questões de gênero.

Silva *et al.* (2015) e Vasconcelos e Martino (2017), identificam relação entre os turnos de trabalho noturnos e o desenvolvimento do burnout. Plantões noturnos têm sido apontados como fator de risco considerável para a manifestação de sintomas ligados ao transtorno entre profissionais que operam nessa modalidade de jornada.

Os plantões noturnos acarretam prejuízos à saúde do trabalhador por serem desgastantes e cansativos, tendo tais efeitos agravados quando ocorrem em ambientes de assistência de alta complexidade, a exemplo das unidades de terapia intensiva, maximizando os efeitos negativos para a saúde dos profissionais. Os trabalhadores que são expostos às jornadas de trabalho noturnas frequentes e prolongadas tendem a apresentar maior propensão ao desenvolvimento do burnout (SILVA *et al.*, 2015).

Diversas pesquisas atestam que a síndrome de burnout representa um problema grave para os profissionais de saúde, o que justifica o crescimento do interesse pelo tema na literatura especializada. O desenvolvimento desse quadro patológico se

relaciona com a manifestação de outras doenças, gerando comorbidades patogênicas capazes de afetar substancialmente a saúde e a qualidade de vida dos trabalhadores acometidos.

Silva *et al.* (2015), verificam possível correlação entre a síndrome de burnout e o desenvolvimento de um transtorno depressivo maior. Segundo os autores, o cansaço emocional, desencadeador da perda do vigor, o desgaste, a fadiga e a exaustão, elementos presentes no quadro sintomático do burnout, caracterizam também um estado emocional intrinsecamente relacionado aos transtornos depressivos.

Além dos quadros depressivos, diversas condições patológicas têm sido relacionadas ao esgotamento profissional: problemas cardiovasculares (hipertensão arterial), dores musculares, asma, diabetes, problemas digestivos, ansiedade, insônia e uso abusivo de tranquilizantes. Pesquisas apontam ainda que profissionais em estado de esgotamento estão mais predispostos a acidentes, negligência e cometimento de erros no trabalho (SILVA, 2015).

Analisando as informações aqui reunidas, pode-se inferir que a síndrome de burnout representa um preocupante desafio a ser enfrentado, são graves as consequências advindas desse transtorno à saúde do trabalhador. Sua alta prevalência entre profissionais de saúde pode comprometer também o funcionamento das organizações, pois, em razão do esgotamento emocional e físico, a produtividade do trabalhador é severamente comprometida, elevando o índice de absenteísmo e provocando aumento da rotatividade, intensificando o problema da escassez de recursos humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo identificar na literatura anteposta quais os principais fatores causadores de estresse na atividade laboral dos profissionais de saúde. Através das análises empreendidas, respaldadas nos estudos selecionados, foi possível elucidar o questionamento norteador proposto inicialmente, ampliando o conhecimento acerca dos fatores que expõem os profissionais de saúde ao risco do estresse ocupacional.

Os estudos revelam que dentre os elementos causadores de estresse destacam-se as longas jornadas de trabalho, situação agravada pela rigidez das rotinas laborais e por constantes modificações na carga horária de semanal. A sobrecarga de atividades também emerge como elemento estressor no contexto das atividades do profissional de saúde, sendo esse problema acentuado pela carência em recursos humanos e materiais e pela insatisfação remuneratória. Os conflitos intergrupais também foram identificados como fonte de estresse em diversas pesquisas, casos de atrito entre intergrupais surgem no ambiente de trabalho motivados por desacordos referentes à tomada de decisões, pontos de vistas divergentes e atmosfera de animosidade entre chefias e equipes.

Destaca-se também, no contexto do estresse ocupacional, a alta prevalência da síndrome de burnout entre os profissionais de saúde. Os estudos salientam que o quadro de esgotamento emocional e físico afeta profundamente a saúde do profissional, a qualidade da assistência prestada e o funcionamento das organizações.

As informações reunidas e discutidas neste trabalho apontam para a necessidade de se desenvolver planos de enfrentamento na gestão das unidades hospitalares e demais postos de atendimento, criando mecanismos de controle dos níveis de estresse e desgaste profissional. Fica evidente também a premência de ações que estabeleçam melhorias na comunicação interna, favorecendo a interação harmônica entre os profissionais e equipes. Há que se aprimorar ainda os métodos de identificação dos profissionais em risco ou já acometidos pelo estresse ocupacional, com vistas à realização de diagnósticos e tratamentos eficazes, resgatando e promovendo a satisfação no trabalho.

Por fim, espera-se do poder público ações elementares referentes à destinação de recursos para que sejam sanadas carências em recursos materiais e humanos, viabilizando melhorias nas condições de trabalho e na qualidade da assistência.

Embora a constatação de níveis elevados de estresse ocupacional entre profissionais de saúde não seja um fato novo, o debate sobre o tema permanece atual e relevante no que tange à compreensão de suas causas, efeitos e estratégias de enfrentamento, inspirando assim novas pesquisas. O estudo aqui apresentado poderá acrescentar aos trabalhos já produzidos sobre o tema, apresentando esclarecimentos que possam também contribuir com pesquisas posteriores.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. S. *et al.* Percepções sobre o trabalho da equipe de enfermagem em serviço hospital de emergência de adultos. Revista Mineira de Enfermagem, Minas Gerais, 2017. Disponível em: < <http://www.reme.org.br/sumario/99?pagina=2>>. Acesso em 11 jun. 2019.

BARBOSA, F. T. *et al.* Correlação entre a carga horária semanal de trabalho com a síndrome de burnout entre os médicos anesthesiologistas de Maceió-AL. Rev. Bras. Anesthesiol. vol.67, no.2, Campinas, mar./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S0034-70942017000200115>. Acesso em: 17 jun. 2019.

CARDOSO, A. W.; BAKKE, H. A. Estresse Ocupacional dos profissionais de saúde dos centros dos centros de atenção psicossocial. Revista Brasileira de Segurança no trabalho. v.1, n.1, p.23-29, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/rebrast/article/view/1552>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

FERRREIRA, C. A. *et al.* **O contexto do estresse ocupacional dos trabalhadores da saúde:** Estudo bibliométrico. Revista de Gestão em Sistemas de Saúde, Vol. 5, N. 2, Julho/Dezembro, 2016. Disponível em: <<http://www.revistargss.org.br/ojs/index.php/rgss/article/download/233/188>> Acesso em 04 jun. 2019.

OLIVEIRA, A.P. *et al.* **O esgotamento físico dos enfermeiros no setor de urgência e emergência:** revisão integrativa. Revista Nursing, 2019; 22 (251): p.2839-284. Disponível em: < <http://www.revistanursing.com.br/revistas/251/pg26.pdf> >. Acesso em 18 jun. 2019.

RAMOS, F.R. *et al.* **Conflito ético como desencadeador de sofrimento moral:** survey com enfermeiros brasileiros. Rev. Enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2017. Disponível: <

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/22646> >.

Acesso em: 10 jun. 2019.

RIBEIRO, R. P. *et al.* Estresse ocupacional entre trabalhadores de saúde de um hospital universitário. *Revista gaúcha de enfermagem*, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rngenf/v39/1983-1447-rngenf-39-e65127.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

SANTOS, E. N. *et al.* **Saúde do trabalhador no ambiente hospitalar:** fatores de risco para síndrome de burnout. *Revista Nursing*, 2018; 22 (248): p. 2509-2513. Disponível em: <<http://www.revistanursing.com.br/revistas/248/pg24.pdf> >. Acesso em: 17 jun. 2019.

SCHERER, M. D. *et al.* Aumento das cargas de trabalho em técnicos de enfermagem na atenção primária à saúde no Brasil. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, p. 89-104, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tes/v14s1/1678-1007-tes-14-s1-0089.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

SILVA, A. T. Esgotamento profissional e depressão em profissionais da estratégia saúde da família no município de São Paulo. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-27102015-084632/pt-br.php>>
Acesso em: 13 jun. 2019.

SILVA, D. S. *et al.* Depressão e risco de suicídio entre profissionais de Enfermagem: revisão integrativa. *Rev. esc. enferm. USP* vol.49, no.6, São Paulo, dez. 2015. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/mdl-27419688>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

SILVA, N. C. *et al.* **Transtornos à saúde mental relacionados à intensa rotina de trabalho do enfermeiro:** Uma revisão bibliográfica. *Revista eletrônica Estácio saúde*. Volume 5, Número 2, 2016. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/saudesantacatarina/article/view/2897>>

Acesso em 08 jun. 2019.

SOUZA, V. F.; ARAÚJO, T. C. Estresse ocupacional e resiliência entre profissionais de saúde. Universidade de Brasília, Brasília, 2015. *Psicologia: Ciência e Profissão*, p. 900-915. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000300900>. Acesso em: 09 jun. 2019.

TRETTENE, A. S. *et al.* Estresse em profissionais de enfermagem atuantes em unidade de pronto atendimento. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2016000200002>. Acesso em: 08 jun. 2019.

VASCONCELOS, E. M. de; MARTINO, M.F. de. Preditores da síndrome de burnout em enfermeiros de unidade de terapia intensiva. *Rev. Gaúcha Enferm.* vol.38 no.4 Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/mdl-29933422>> . Acesso em: 18 jun. 2019.

WANDERBROOKE, A. C. *et al.* **O sentido de comunidade em uma equipe multiprofissional hospitalar:** Hierarquia, individualismo, conflito. *Trab. Educ. Saúde*, vol.16, n.3, p.1157-1176, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-77462018000301157&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2019.

